

## **VACA LONGA: REPENSANDO A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA DO ESPORTE A PARTIR DO SURFE NA BAHIA**

Cleber Dias

Universidade Federal de Goiás

Goiânia, Brasil

cag.dias@bol.com.br

Recebido em 27 de setembro de 2011

Aprovado em 22 de outubro de 2011

### **Resumo**

O objetivo deste trabalho é analisar o filme “Vaca Longa, 40 anos de surfe na Bahia”. A versão para o desenvolvimento histórico do surfe na Bahia representada por esse filme é encarda aqui como uma oportunidade para se pensar, sob o ponto de vista teórico, as relações entre diferentes regiões do Brasil no desenvolvimento histórico do esporte. Mais especificamente, as influências do surfe no Rio de Janeiro sobre o desenvolvimento histórico deste esporte em outras regiões do Brasil são reflexões abordadas neste ensaio.

**Palavras-chave:** história; esporte; surfe.

### **Abstract**

**Vaca Longa: re-thinking the Brazilian historiography of sport from the surfing in Bahia**

The purpose of this work is talking about the movie “Vaca Longa, 40 anos de surfe na Bahia”. The version for the historical development of the surfing in Bahia showed by this movie is took here as opportunity to think, from theoretical point of view, about the relations among different regions of the Brazil for the historical development of the sport. Specifically, the influences from the surfing in the Rio de Janeiro over the historical development of this sport in other regions of the Brazil are kinds of the reflections of this work.

**Key-words:** history; sport; surfing.

O surfe começou foi quando Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil e avistou o Monte Pasqual, lá em Porto Seguro; atracou as suas caravelas e avistou de longe os índios. Então ele mandou que os seus marujos descessem dos seus botes e fossem até a praia. Aí vieram

aquelas marolinhas e empurraram os botes. Foi aí então que surgiram os primeiros surfistas da Bahia...

O filme *Vaca Longa, 40 anos de surfe na Bahia*, é um documentário amador, curta-metragem, dirigido por Cesar Marques e Tatiana Santana, lançado em 2007, na Bahia, sem distribuição nos grandes circuitos comerciais e que narra através de entrevistas e algumas imagens de arquivo os momentos iniciais do surfe na Bahia. Sua narrativa oferece algumas oportunidades interessantes para reflexões críticas a respeito dos modelos teóricos que vêm sendo empregados para a explicação histórica do processo de difusão do esporte no Brasil. Falo aqui, particularmente, da idéia bastante disseminada de que práticas esportivas se irradiam de regiões “mais desenvolvidas” em direção às “menos desenvolvidas”, de modo que o advento histórico do esporte nas “periferias” aparece tão somente como uma espécie de desdobramento do processo desenrolado nos “centros”.

Colin Howell e Daryl Leeworthy (2009), através de uma análise comparada do baseball na fronteira do Canadá e do futebol no País de Gales, criticaram este modelo teórico, a que eles chamaram de “metropolitanismo” ou “falácia metropolitana”, destacando, ao invés disso, o caráter complexo, multi-direcional e dialético entre o interior e os centros metropolitanos no processo de desenvolvimento dos esportes. Segundo a proposição desses autores, regiões de periferia não são apenas unidades passivas e subservientes às influências dos centros.

No caso da historiografia brasileira sobre esporte, de maneira semelhante aquelas criticadas por Howell e Leeworthy, tudo se passa como se os acontecimentos do Rio de Janeiro e/ou de São Paulo tivessem influenciado toda a dinâmica posterior de

difusão do esporte pelo Brasil. Há mais de 10 anos, tratando do futebol, Gilmar Mascarenhas (2000) elaborou diagnóstico a este respeito, afirmando que:

A historiografia do futebol brasileiro apresenta imensas lacunas no que diz respeito ao processo de introdução e difusão espacial deste esporte. A escassa literatura acadêmica concentra suas atenções no eixo metropolitano Rio-São Paulo, alimentando um estado de ignorância acerca do passado histórico futebolístico na maior parte do imenso território brasileiro.

Mais que criticar a falta de estudos históricos sobre o futebol em certas regiões do país, Mascarenhas também se ocupou em apresentar uma interpretação alternativa para o seu processo de difusão. Estudando o caso do Rio Grande do Sul, o autor avançou a idéia do que ele chamou de “via platina”. Segundo ele, o Rio Grande do Sul, além de ser uma das primeiras regiões a adotar e organizar o futebol no Brasil, o fez, fundamentalmente, não por intermédio de relações com cidades desenvolvidas da Europa ou de outras partes do Brasil, mas sim através de influências platinas, especialmente Montevideú.

Além de atual, avaliações como essa têm ainda o mérito de poder estender-se ao estudo histórico de outras modalidades, que não raro submetem-se a enquadramentos “metropolitanistas”. Eu mesmo, estudando a história do surfe no Rio de Janeiro entre os anos 60 e 70, afirmei que “a gênese do surfe no Brasil encontra-se no Rio de Janeiro, que foi onde a prática ganhou popularidade, gerou um mercado ao seu redor e finalmente, consolidou uma rede de atores que, dali em diante, adotaria o esporte como estilo de vida e marco formador de suas identidades” (DIAS, 2009, p. 258). Nesse caso, eu supunha que a dinâmica histórica de desenvolvimento do surfe no Rio funcionara como sinônimo e síntese do Brasil, antecipando, enfim, todo o seu desenvolvimento posterior.

Trabalhos históricos diversos têm reforçado sucessivamente pontos de vista dessa natureza. Só para tomarmos um exemplo, entre muitos possíveis, José Murilo de Carvalho (1987, p. 22), em seu famoso livro, *Os bestializados*, afirma que:

Por quase uma década, o Rio seria a arena em que os destinos nacionais se decidiriam. Depois da independência, era o momento de maior glória, de maior visibilidade para a capital, transformada em foco das atenções de todo o país. Acontecimentos, por banais que fossem, assumiam importância desmedida em função da ressonância produzida pela situação privilegiada em que se achava a cidade. Uma tentativa de assassinato, um empastelamento de jornal, uma greve, uma revolta de quartel ou de navio, que abalasse a capital, reverberavam pelo país inteiro.

Outros historiadores, contudo, têm questionado duramente essa visão. O pernambucano Evaldo Cabral de Mello, por exemplo, um dos que mais se notabilizou nessas discussões, critica a centralidade atribuída ao Rio de Janeiro na avaliação dos destinos da nação. Com acidez, Cabral de Mello fala de um “narcisismo carioca” e de uma “tradição saquarema da historiografia brasileira, para a qual tudo o que acontece no Brasil é através do Rio, graças ao Rio e pelo Rio” (MELLO, 2008 apud. CARVALHO, 2008, p. 557).

A questão, portanto, reside em saber em que medida os acontecimentos do Rio de Janeiro repercutiam, de fato, em todo o país. Será inteiramente verdade que quaisquer episódios banais desenrolados no Rio adquiriam ressonância nacional?

É à luz de questões como essa, nesse contexto teórico mais geral, que o documentário *Vanca Longa* apresenta-se como interessante possibilidade de problematização historiográfica. O filme vincula informações que permitem questionar alguns entendimentos consolidados no âmbito da historiografia do esporte, na medida mesmo em que exhibe um conjunto de acontecimentos que contrariam parte de determinadas suposições, como àquelas minhas, de que o Rio de Janeiro fora o local de

nascimento do surfe para todo o Brasil, numa provocação que poderia se estender para outras modalidades e outros períodos. O filme, em suma, mostra um processo de desenvolvimento do surfe no cenário baiano independente, se não inteiramente alheio aos acontecimentos deflagrados no Rio de Janeiro. Segundo depoimento de Miguel Brussel, vinculado no filme, entre 1954 e 1958, uma prancha de surfe fabricada com fibra de vidro (grande inovação à época) teria sido comprada na Califórnia pelo pai dos irmãos Muller, que então teria dado o “brinquedo” para os filhos, em Salvador.

Quase paralelamente, em outros pontos da orla soteropolitana, conforme contamos o filme, outros jovens iam também estabelecendo relações com o novo divertimento, mas por diferentes caminhos. Na Praia de Ondina, Rio Vermelho e da Barra iniciava-se artesanalmente, no início dos anos 60, a fabricação de pranchas de compensado naval, geralmente retirados de canteiros de obras e postas sob o peso de paralelepípedos sob o sol para adquirirem envergadura, segundo contam-nos depoimentos apresentados no filme.

Nos anos seguintes, de maneira às vezes burlesca, alguns desses “pranchistas” baianos, como eram chamados à época, começavam a entrar em contato com outros modelos de pranchas de surfe. Além dos irmãos Muller, que já brincavam com uma prancha de vidro de vidro importada dos Estados Unidos, só que de maneira quase totalmente desconhecida para muitos outros jovens baianos da época, um grupo de freqüentadores da praia do Rio Vermelho conseguiria também outra prancha do mesmo tipo. Segundo memórias de Fredão, apresentado no filme como ícone do surfe na Bahia, dois jovens norte-americanos apareceram à época em Salvador, instalando-se pelo período que estiveram ali nas imediações da praia do Rio Vermelho. Traziam consigo uma dessas pranchas de fibra de vidro. Jorge Hupsel, *habitué* da praia do Rio Vermelho,

e por coincidência vizinho dos americanos, numa iniciativa ousada e arriscada, pediu-lhes emprestada a prancha. De posse do equipamento, Hupsel partiu para uma fazenda do interior baiano, por onde ficou por alguns meses, até que soube que os americanos já não mais estavam em Salvador, regressando, então, com a prancha para a praia do Rio Vermelho.

Na transição entre a década de 1960 e 1970, abrem-se as primeiras fábricas de prancha e iniciam-se a organização dos primeiros campeonatos. O engenheiro químico Gabriel Moraes, conhecido como “Seu Gabriel”, inaugura a *Hati Surfboard*, no Rio Vermelho, no que é tido pelos personagens dessa história como uma das primeiras fábricas de prancha do Brasil. Ao mesmo tempo, datam-se dessa época, início de 1970, aproximadamente, os primeiros campeonatos de surfe da Bahia, bem como a criação de uma Federação Baiana de Surfe, ambas iniciativas apreendidas pelos seus participantes, do mesmo modo, como o primeiro evento e primeira iniciativa desse tipo no Brasil. Sobre os campeonatos e a federação, Miguel Brussel, ainda que de maneira bastante cautelosa, justifica esse ponto de vista afirmando: “no Rio não tinha e em São Paulo não tinha, então no resto do Brasil também não tinha...”.

Embora saibamos que a realização de campeonatos, inclusive com participação de surfistas estrangeiros, patrocínio de grandes empresas e até a organização de uma federação tenham tido lugar no Rio de Janeiro desde os meados dos anos 60 – desde 1964, mais precisamente (DIAS, 2008) – estes episódios parecem ter exercido pouca ou nenhuma influência sobre surfistas baianos, cujo universo de referências simbólicas não faz alusão em nenhuma medida a estes acontecimentos. Ao contrário, dinâmicas como as de inauguração de fábricas de pranchas, a realização de campeonatos ou a fundação de federações em Salvador, como vimos, são apreendidas e apresentadas pelos atores

locais como as primeiras iniciativas do gênero no país. Amiúde, destaca-se a independência e também a simultaneidade dos acontecimentos em Salvador com relação a outros grandes centros metropolitanos brasileiros, notadamente o Rio de Janeiro. A criação de fábricas de prancha em Salvador, por exemplo, é rigorosamente contemporânea a este processo no Rio.

Talvez por isso, a estrutura narrativa que orienta a apreensão da história do surfe em *Vaca Longa* segue a mesma periodização, a mesma cronologia, bem como a mesma estrutura narrativa através da qual a história do surfe se apresenta em vários outros lugares. Primeiro, o surfe se desenvolve como uma brincadeira sem grandes pretensões. Depois, um grupo de adeptos dessas brincadeiras de descer de pé sobre as ondas vai progressivamente se entusiasmando com a atividade. Segue-se então uma série de experimentos artesanais para a fabricação de novos materiais, sobretudo pranchas. É a fase épica do esporte. Em Salvador, especificamente, de acordo com depoimento de Lapo Coutinho, muitos surfistas que começaram a praticar o esporte em meados dos anos 60, como ele próprio, o fizeram assistindo uma geração anterior, que pegava onda de “madeirite”. Nas palavras dele:

Eu me lembro com 10 anos de idade na Praia da Onda vendo os primeiros caras que levaram madeirite pra lá [...] O pessoal eram verdadeiros guerreiros, porque eles vinham da Graça até a Praia da Onda carregando de dois, três aquela prancha de madeira pesadíssima, que não boiava direito, que você tinha que empurrar para ficar de pé. Então, até para nós mesmos que estávamos tentando aprender a pegar onda, o único prazer do surfe era simplesmente levantar na prancha e deslizar um pouquinho indo pra frente.

Em seguida, geralmente através da presença de algum forasteiro, quase sempre um estrangeiro, amplia-se as possibilidades de acesso ao universo de referência simbólico do “surfe propriamente dito”, o que significa, nesse contexto, o surfe tal qual praticado nos Estados Unidos. A partir daí segue-se um processo progressivo de difusão

e popularização da modalidade, paralelamente a uma dinâmica de profissionalização, que diz respeito à abertura de lojas de equipamentos especializados, fábricas de pranchas, surgimento e ampliação de empresas patrocinadoras, realização de campeonatos e criação de federações. Trata-se, assim, de uma estrutura discursiva da história do surfe que serve quase como roteiro, não por acaso mobilizado e utilizado por *Vaca Longa*: um conjunto de convenções narrativas, cujos conteúdos guardam entre si um considerável nível de similitude, quer seja na Bahia, no Rio de Janeiro ou na Califórnia.

Sob outros aspectos, contudo, *Vaca longa* apresenta uma abordagem bastante original para a memória do surfe, especialmente por considerar seriamente os conflitos em torno do estabelecimento dessas memórias. A história do surfe na Bahia apresentada por *Vaca Longa* não converge para a celebração de um único grupo ou de um único ponto da orla soteropolitana como o local que teria protagonizado o nascimento desse esporte em Salvador. Ali, o surfe aparece desenvolvendo-se, desde os seus primórdios, através de uma complexa e simultânea rede de interações e às vezes também de oposições. Conforme relembra Carlos Moraes, em depoimento no filme, as primeiras gerações do surfe em Salvador dividiam-se entre a “galera da Pituba”, a “galera do Rio Vermelho”, a “galera de Ondina” e a “galera da Barra”. Conforme o próprio Moraes declara no filme, cada uma dessas “galeras” tinha e tem ainda sua própria versão sobre como o surfe teria começado na Bahia. Historiograficamente, portanto, além da possibilidade de crítica ao “metropolitanismo”, mencionado no início, este é outro aspecto interessante a ser observado em *Vaca Longa*.

Cinco anos depois de ter terminado a pesquisa que foi publicada no livro *Urbanidades da natureza*, eu me pergunto se não teria sido esta também a situação do

Rio de Janeiro. Pois, nesse caso, a imagem que prevalece sobre a história do surfe na cidade é de que a praia de Ipanema teria sido o *locus* privilegiado para a articulação de uma rede social responsável pela disseminação do surfe. Segundo essa versão, largamente corroborada por mim em *Urbanidades* (DIAS, 2008), todos os pioneiros do surfe no Rio eram frequentadores, se não moradores de Ipanema. Lembro-me, por exemplo, de uma entrevista com Arduíno Colassanti, reiteradamente reconhecido como um dos pioneiros do surfe no Rio, em que ele falava-me de uma “patota do Arpoador”, referindo-se, justamente, a justaposição e forte interpenetração entre as diferentes redes de relacionamento de Ipanema à época.

Todavia, minha própria pesquisa sinalizava para o fato de outros personagens, não necessariamente ligados a esta “patota”, estarem implicados de alguma forma com o desenvolvimento do surfe no Rio. Particularmente, moradores e instituições de Copacabana podem ter funcionado como agentes importantes para os primeiros momentos do surfe na cidade. Por exemplo, quando Peter Troy, surfista australiano, esteve no Rio de Janeiro pelos idos de 1964, num acontecimento que é reiteradamente destacado pelos próprios surfistas da época como verdadeiro divisor de águas na história do surfe no Rio, a prancha de fibra de vidro que lhe foi emprestada para a realização das exhibições que teriam permitido a visualização de outras possibilidades para a brincadeira de ficar de pé sobre pranchas, era de propriedade de Russel Cuffen, aluno do Colégio Americano, em Copacabana, que não aparece na lista dos frequentadores mais assíduos das “patotas de Ipanema”, embora pudesse ter eventualmente alguma relação com a mesma.

Assim, em que pese às relações entre moradores e frequentadores das praias de Ipanema e Copacabana, é possível que diferentes redes de sociabilidade dos dois lugares

tenham se ligado por diferentes caminhos ao surfe, influenciando-o, mais tarde, também de diferentes formas. Pensando retrospectivamente, agora me dou conta de que nem sequer me dei o trabalho de perseguir esta evidência, esta possibilidade interpretativa. Não considerei, ou não considerei suficientemente, a hipótese da história do surfe no Rio poder ser também um emaranhado polifônico que se confronta e justapõe. De certo modo, naquele trabalho, a memória do surfe no Rio de Janeiro não parece um objeto de conflitos e disputas entre os protagonistas dessa história. Em decorrência, não tentei, por exemplo, reconstituir os hábitos e costumes de outras redes de relações, como as de Copacabana, que talvez fossem ligeiramente diferentes daquela formada pelos *habitués* de Ipanema. Teoricamente, pergunto-me agora se meu trabalho não teria então se subordinado acriticamente aquele enquadramento de memória consagrado pela “patota de Ipanema”? Em outras palavras, eu não teria me conformado excessivamente a uma série de convenções narrativas já estabelecidas? Não teria eu sido refém da versão hegemônica sobre a história do surfe no Rio, que celebra alguns grupos, talvez em detrimento de outros? Existiria outra versão possível para essa história, só que jogada às margens do esquecimento?

Essas e outras questões provavelmente serão esclarecidas de maneira mais adequada com o acúmulo de mais pesquisas sobre o assunto. Nos limites desta resenha, meu objetivo fora tão somente o de apontar, a partir de um filme, algumas questões historiográficas para o estudo do esporte, particularmente para o surfe, destacando-se, além de tudo, que a construção da memória coletiva não é privilégio de historiadores profissionais; motivo pelo qual iniciativas como as de Cesar Marques e Tatiana Santana devem ser muito bem-vindas. Pois se outros agentes envolvidos com a reconstituição do

passado certamente têm o que aprender com a maneira através da qual os historiadores profissionais produzem suas narrativas, o contrário também parece bastante verdadeiro.

### Referências

CARVALHO, J. M. de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

CARVALHO, J. M. de. D. João e as histórias dos Brasis. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 28, n. 56, p. 551-572, 2008.

DIAS, C. *Urbanidades da natureza: o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

DIAS, C. O surfe e a moderna tradição brasileira. *Movimento*, Porto Alegre, vol. 15, n. 4, 2009, p. 257-286.

HOWELL, C; LEEWORTHY, D. Borderlands. In POPE, S. W; NAURIGHT, J. (eds.). *Routledge companion to sports history*. New York: Routledge, 2009, p. 71-84.

MASCARENHAS, G. A via platina da introdução do futebol no Rio Grande do Sul. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, n. 26, 2000. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd26a/platina.htm>>. Acesso em: 20 set. 2011.

MELLO, E. C. de. A festa da espoliação. *Jornal do Commercio*, Pernambuco, 22 de janeiro de 2008.